Ano V — Abril, Maio e Junho — N.os 44-45-46

Redacção
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Director e Editor
P.e JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Composição e impressão
GRÁFICA DE COIMBRA

COMEMORANDO OS 80 ANOS DO SANTO PADRE

O actual Pontífice é descendente duma nobre família romana, que deu grandes figuras à política e às letras. Um seu bisavô foi ministro das Finanças no tempo de Gregório XVI; um seu avô foi ministro dos Estrangeiros durante o Pontificado de Pio IX; seu pai foi advogado, muito ilustre e grande amigo de Leão XIII; seu irmão, o Marquês Francisco Pacelli, advogado consistorial do Vaticano, foi o principal negociador do Tratado de Latrão.

Sua Santidade Pio XII (Eugénio Maria Pacelli) nasceu no dia de S. Simplício, Papa, em 2 de Março de 1876, no terceiro andar do Palácio Pediconi, situado na Via Ventrina, no coração da velha Roma. Foi baptizado dois dias depois na igreja de S. Celso.

Vida impecàvelmente sã e rigorosamente cristã no lar paterno.

Desde muito novo mostrou possuir todas as grandes qualidades de carácter, inteligência e ponderação que o haviam de impor à consideração de quantos dele se abeirassem.

Fez os seus primeiros estudos no liceu oficial Enio Quirino Visconti. Em 1894, apenas com 18 anos, concluiu com distinção de honra o curso liceal, tendo ainda ganho a medalha de oiro do legado Curro num concurso de História Moderna.

Neste mesmo ano de 1894 entrou para o Seminário de Caprânica. Não terminou, todavia, o seu curso de Teologia neste Seminário. Uma doença obrigou-o a interromper os estudos que só mais tarde continuou como aluno externo no Seminário Pontifício de Santo Apolinário de Roma. Aqui, foi o aluno distinto de sempre, sobressaindo entre os seus contemporâneos e condiscípulos pela sua aplicação ao estudo e pela sua distinção de maneiras e apresentação. Aos vinte anos era uma pessoa finíssima, discreta, distinta de atitudes, que se impunha pelo seu aprumo.

Terminada a formatura em Teologia e Direito Canónico, recebeu ordens de presbítero (em 2 de Abril de 1899). Foi ordenado por Mons. Casseta, Patriarca de Antioquia e vice-gerente de Roma que foi eleito Cardeal no mesmo dia do mesmo ano.

A maneira brilhante como terminara o curso, a sua natural distinção de trato, a inteligência supe-

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE COIMBRA

rior que todos lhe reconheciam, fizeram com que o Cardeal Vanutelli o inculcasse a Mons. Cavagni, ao tempo Secretário dos Negócios Extraordinários, para a carreira diplomática.

Em Fevereiro de 1901, começou a prestar serviço na Secretaria dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários. A sua acção aqui tornou-se logo notada.

Quatro anos após o início da sua carreira diplomática — em 1905 — Pia X fê-lo seu Prelado e Camareiro Secreto com o título de Monsenhor. No mesmo ano foi nomeado minutante e seis anos depois Subsecretário dos Negócios Eclesiásticos. Foi nesta qualidade que o futuro Pio XII fez parte da delegação pontifícia que, presidida pelo Cardeal Granito di Belmonte, foi a Londres representar a Santa Sé na coroação do Rei Jorge V.

Regeu, depois, na Academia dos Nobres Eclesiásticos a cadeira de Diplomacia, na qual professou durante muito tempo, mesmo até como Secretário de Estado de Pio XI.

Em 1912 publicou o seu livro «La personalità e la territorialità dele leggi speciali nel Dãritto».

Em 25 de Novembro do mesmo ano foi nomeado pro-Secretário da Congregação dos Negócios Eclesiásticos, ascendendo meses depois — em Fevereiro de 1914 — a Secretário ao mesmo tempo que era nomeado consultor do Santo Ofício e da Congregação Consistorial. Foi nesta situação que Mons. Aquiles Ratti, o futuro Pio XI, pôde conhecer intimamente e apreciar Mons. Pacelli, o futuro Pio XII.

Certo dia, Mons. Pacelli foi convidado para reger a cadeira de Direito Canónico num Seminário Romano. Era, então, Secretário de Estado de Bento XV o Cardeal Gasparri. Este, que de há muito o conhecia e apreciava, convenceu-o a que declinasse tal convite, para, com a sua colaboração, lançar mãos à codificação do Direito Canónico.

Quando, em 1917, Mons. Fruhmirt foi elevado ao Cardinalato e teve de abandonar o posto de Núncio Apostólico em Munique, capital da Baviera, Bento XV pensou em Mons. Pacelli para ir ocupar aquele cargo, dificílimo no momento, por se estar em plena guerra. Era nesta altura que o Cardeal Gasparri se queixava de que lhe haviam arrancado o seu braço direito.

Por isso em 23 de Abril, foi eleito Arcebispo titular de Sardes e sagrado dias depois, a 13 de Maio, pelo Papa, na capela Sixtina. Foi enviado como Núncio Apostólico em 22 de Junho. Apresentou credenciais dias depois.

A primeira das suas vitórias diplomáticas foi conseguir que o Imperador o recebesse.

Foi recebido, mas não compreendido — nem pela Alemanha nem pelos aliados. Ambas as partes beligerantes se julgavam prejudicadas com as diligências do Núncio, quando a sua acção era de carácter puramente humanitário: pedir o fim do regime odioso das deportações, na Bélgica e no Norte da França...

Conseguiu ainda que a Alemanha acedesse a participar na criação dum campo neutro para assistência e troca de prisioneiros.

De tal modo se impôs pelas suas qualidades de inteligência e coração, maneiras e atitudes, que, dentro em pouco, tinha a simpatia de todo o povo da Baviera, que muito o estimava.

Contudo, nem sempre foi de rosas o seu caminho.

Um dia, quando os comunistas dispuseram, por algum tempo, do poder, o Núncio Apostólico viu o palácio da sua residência assaltado por uma multidão de revolucionários comunistas.

Mons. Pacelli conservou-se sereníssimo. Ordenou-lhes que subissem e dissessem ao que iam. Pongratz, um dos comunistas chefes, adiantou-se e apontou-lhe uma pistola ao peito. Outro seguiu o exemplo deste.

Sua Excelência Reverendíssima não se moveu e limitou-se a protestar contra tão inqualificável violação do seu domicílio.

Dentro de pouco, todos se retiraram cabisbaixos, completamente dominados pelas razões do Arcebispo de Sardes. O corpo diplomático apressou-se a felicitá-lo pela sua atitude, pois foi o único que, perante o golpe bolchevista, não abandonou o seu posto.

O Papa felicitou-o também e agradeceu-lhe.

Terminada a guerra, Mons. Pacelli, para acautelar os interesses religiosos da Baviera, começou os seus trabalhos no sentido de conseguir a assinatura duma Concordata entre o Vaticano e o Reich. Esse grande acontecimento diplomático, um dos maiores dos últimos tempos da diplomacia da Igreja, foi assinado em curto espaço de tempo. Graças a ele, a Igreja na Baviera ficou gozando de excepcional preponderância e importantes regalias.

O antigo reino da Baviera, mercê da queda do império, desapareceu.

A Santa Sé não tinha representação na Prússia. Por isso não podia transferir para Berlim os seus negócios. Todos os seus esforços se dirigiam agora no sentido de reatar as relações entre a Alemanha e o Vaticano.

Conseguiu-o em 1920. Imediatamente foi nomeado Núncio em Berlim, onde desenvolveu, com rara felicidade, a melhor política de aproximação entre a Santa Sé e o Reich, que terminou com a convenção de 13 de Junho de 1929 e foi preparação para a Concordata concluída com o III Reich em 1933 por Mons. Orsenigo.

Em fins de 1929 Mons. Eugénio Pacelli deixou a Nunciatura alemã.

Depois da sua consagração diplomática, Pio XI fê-lo Cardeal presbítero do título de S. João e S. Paulo, no Consistório que nomeou também Cardeal o senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

Recebeu o barrete cardinalício das mãos do Sumo Pontífice em 18 de Dezembro (tinha sido feito Cardeal em 16 do mesmo mês).

Logo que cingiu a púrpura, Pio XII escolheu como armas uma pomba de prata, em escudo azul, segurando no bico um ramo de oliveira e poisada em um monte dividido do mar por uma faixa verde. A divisa era: «Opus justitiae pax» — A paz é obra da justiça.

Pela demissão do Cardeal Gasparri, foi nomeado no ano seguinte (1930) Secretário de Estado da Santa Sé.

Ao receber esta notícia o Cardeal Pacelli fez tudo quanto humanamente era possível para se furtar a tão pesada como importante tarefa.

Porque tinha absoluta confiança nele, nada demoveu Pio XI. E em nome da obediência, ordenou-lhe que aceitasse. Em Março do mesmo ano, sucedeu como Arcipreste de S. Pedro e Prefeito da respectiva fábrica, ao prestigioso Cardeal Merry del Val e, pouco depois, foi nomeado Prefeito da Congregação dos Assuntos Eclesiásticos Extraordinários e Presidente da Comissão Cardinalícia Administrativa dos bens da Santa Sé.

Mais tarde, em 1 de Abril de 1935, foi ainda escolhido pelo Sumo Pontífice para Camerlengo da Santa Igreja, lugar que exerceu desde a morte de Pio XI, em Fe-

vereiro de 1939, até à sua eleição, em 2 de Março.

Pio XI enviou-o como seu Legado a latere aos dois últimos Congressos Eucarísticos Internacionais:

Buenos Aires e Budapeste.

Os discursos que então pronunciou tiveram grande repercussão e impressionaram, vivamente, todo o mundo.

As homenagens que mais o cativaram foram as dos humildes.

Um dia, falando com o jornalista Stephane Lausanne, disse-lhe a respeito das manifestações do povo argentino:

«Uma tarde, sem escolta nem comitiva, dirigi-me, acompanhado dum oficial argentino, ao bairro vermelho, o bairro comunista da grande metrópole sul-americana. Não sòmente não houve sequer um grito hostil, um gesto de inimizade, mas as mulheres rodearam-me, erguiam os filhos nos braços e pediam-me que as abençoasse, a elas e às crianças».

E Lausaune acrescenta:

«O Cardeal Secretário de Estado tinha isto como símbolo da fragilidade do veneno, e mau veneno lançado no povo trabalhador pelo marxismo e pelo bolchevismo».

De volta a Roma, o Cardeal Pacelli passou pelo Rio de Janeiro, onde foi hóspede do Governo brasileiro e alvo também das maiores homenagens e provas de deferência, por parte quer das autoridades quer do povo.

Também, como representante de Pio XI, presidiu ao Tríduo Eucarístico de Lourdes, em 1935.

Conta-se que tempos antes do Tríduo, Mons. Pacelli rogara a S. S. Pio XI que lhe facultasse a ida à cidade da Virgem, porque sentia absoluta necessidade espiritual dessa romagem de piedade e santificação.

O Papa recusou.

O Cardeal Pacelli insistiu. Nova recusa. Confundido, pensando ter magoado o coração do Santa Padre com a sua insistência, ajoelhou-se aos pés de Sua Santidade, pedindo-lhe perdão, a chorar.

Daí por duas semanas foi nomeado Legado Pontifício a Lourdes.

Entre lágrimas agradeceu ao Papa a bondade paternal e a graça que lhe concedera.

Ficou célebre o sermão que o eminente Purpurado pronunciou então.

Em 1936, o Cardeal Pacelli foi aos Estados Unidos. Entusiásticas aclamações o receberam no Novo Mundo.

Roosevelt recebeu-o na Casa Branca.

Foi esta viagem de grande importância para as relações diplomáticas entre a Santa Sé e os Estados Unidos. Abriu-se caminho para o seu reatamento, pois desde 1870 que estavam interrompidas.

No ano seguinte, em 1937, o Cardeal Pacelli voltou, de novo, a França, também como Cardeal Legado, à inauguração da Basílica de Lisieux, erguida em honra de Santa Teresinha do Menino Jesus.

Foram notáveis os dois sermões por ele proferidos nesta ocasião — um sobre a «vocação cristã da França» e o outro sobre «a situação mundial».

Finalmente, em Maio de 1938, o actual Papa fez a sua última viagem como Cardeal Legado de Pio XI. Foi a Budapeste, ao Congresso Eucarístico que ali se realizou, sendo recebido pelo Regente, Almirante Horty, e cumulado das maiores atenções e honrarias.

Estas suas triunfais viagens prestaram-se nos meios vaticanistas a toda a sorte de comentários.

O mais corrente, e com pretensões a profecia, era o que afirmava: «Pacelli ganhou a tiara no estrangeiro, mas perdeu-a em Roma».

O asserto foi desmentido categòricamente pelos factos. O Cardeal Pacelli ganhou a tiara no estrangeiro e em Roma.

*

A 10 de Fevereiro de 1939 morre Pio XI.

Imediatamente o Cardeal Secretário de Estado assume as funções de Camerlengo da Santa Igreja, cargo para que fora nomeado em 1 de Abril de 1935.

O seu Pontificado começou, pode dizer-se, aqui, pois o governo da Igreja não passou a outras mãos.

O conclave para a eleição do novo Papa reuniu a 1 de Março.

No dia 2, o Cardeal Pacelli é eleito Papa, toma o nome de Pio XII, por gratidão ao seu antecessor.

É bem o homem da ocasião: diplomata notável, sábio ilustre, poliglota distinto (conhece e fala com correcção e elegância, além da sua língua, o latim, o grego, o francês, o alemão, o inglês, o português, o espanhol e o magiar), o homem de Deus.

Foi coroado na Basílica de S. Pedro, no dia 12 de Março. O seu lema é o mesmo de Cardeal: «Opus justitiae pax».

*

Sua Santidade Pio XII empregou todos os esforços para evitar, primeiro, a deflagração da guerra e, depois, o seu alastramento. Serviu-se de todos os recursos diplomáticos para obter uma solução satisfatória dos mais graves problemas internacionais, sem derramamento de sangue. Não o conseguiu, mas empenhou todos os recursos em minorar a sorte dos infelizes. Rádio Vaticano, por expressa determinação do Sumo Pontífice, colaborou nessa campanha de caridade, levando a todos os recantos do mundo muitos milhares de mensagens.

Pugnou heròicamente pela defesa dos direitos do espírito, reprovou animosamente todos os excessos, acolheu sem distinção todos quantos se lhe dirigiram, o seu coração paternal sofreu as indizíveis dores dos combatentes, dos prisioneiros, dos fugitivos, dos martirizados durante o medonho conflito mundial. São dum oriental, do embaixador do Japão junto da Santa Sé, estas palavras: «Só aqui nós vemos realizado aquele ideal supremo da paz, sentida da alma que se abraça às almas, de lágrimas para todos os sofrimentos».

Não hesitou o Santo Padre em descer às ruas de Roma de improviso e sem cortejos, sem ouvir aqueles que prudentemente lhe apontavam o perigo, a confortar e a abençoar as vítimas dos bombardeamentos, quando a guerra penetrou nos próprios muros milenários da cidade eterna.

O povo romano viu no Papa de hoje os Papas da antiguidade, representados nos muros e nas abóbadas das suas basílicas.

*

O Santo Padre Pio XII exerce actividade verdadeiramente extraordinária, que enche de admiração quantos se podem dar conta de todos os actos a que preside.

No Ano Santo de 1950, essa actividade atingiu tais proporções que não se sabe aonde Sua Santidade foi buscar forças físicas para o rosário ininterrupto de audiên-

cias, de discursos, de canonizações e beatificações, de documentos de toda a espécie.

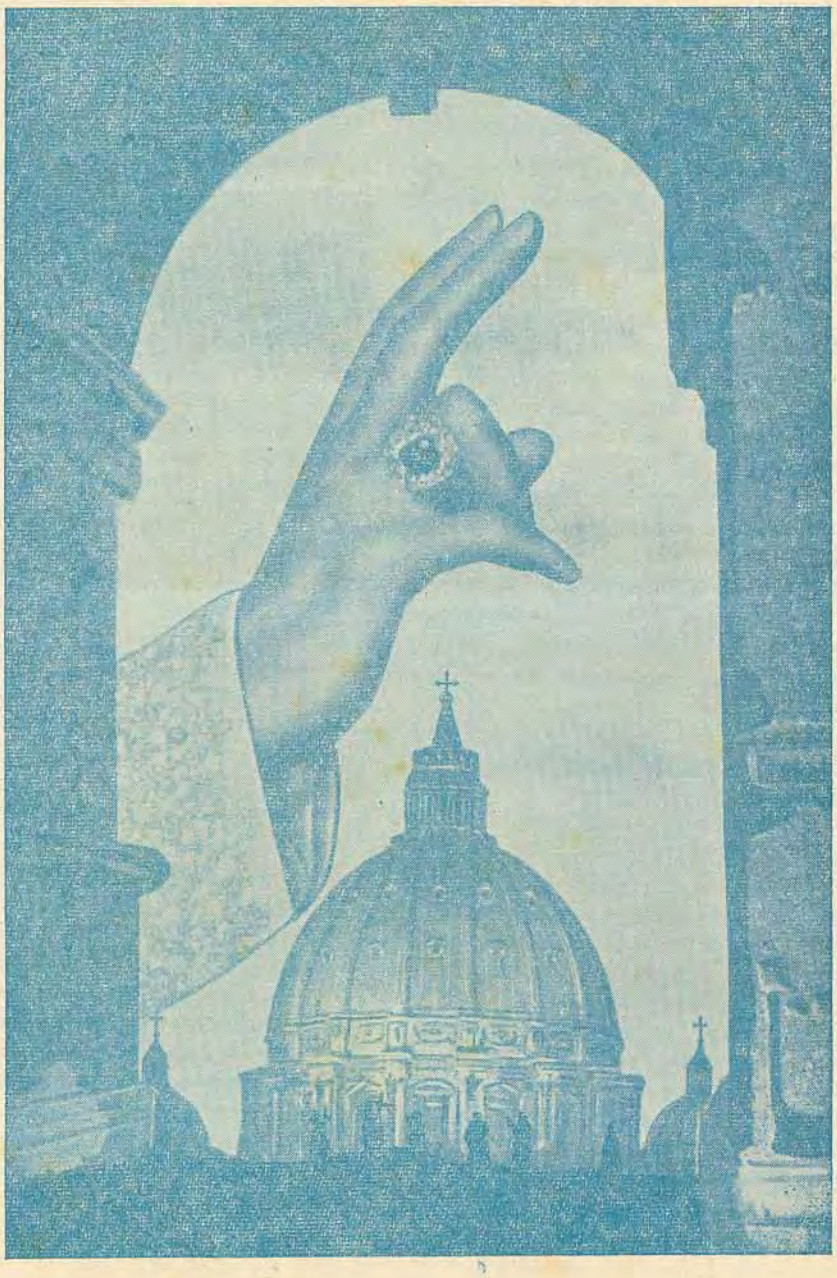
Enganaram-se, porém, os que supuseram que, depois de tão assombroso esforço, o Santo Padre tenha resolvido entregar-se a bem justificado repouso.

Logo em 1951 publicou três Encíclicas (Evangelii Proecones, Sempiternus Rex e Ingruentium malorum), proferiu 21 radiomensagens e mais de 50 discursos, escreveu 23 cartas pontifícias, presidiu a duas cerimónias de canonização e a sete de beatificação, concedeu inúmeras audiências.

E como são admiráveis, profundos, oportunos, actualíssimos, os discursos do Santo Padre, por assim dizer quotidianos, sobre todos os problemas humanos: sociologia, literatura, medicina, agricultura, ciência bancária, telegrafia e rádio, economia, acerca de tudo que é preciso fazer para salvaguardar a fé, a paz e a civilização!

Na Cadeira da Verdade está sem contestação o grande Mestre e Doutor, a quem o Espírito Santo inspira.

Assim o mundo oiça a Sua palavra salvadora!



*

Por mais duma vez, Sua Santidade Pio XII tem dado à Nação Portuguesa inequívocas provas de apreço e grande carinho. Em 1940, ano dos centenários, publicou a encíclica «Saeculo exeunte octavo» acerca do oitavo centenário da fundação de Portugal e terceiro da sua restauração. Em 1942, no encerramento do ano jubilar de Fátima, falou a Portugal e consagrou o mundo a Nossa Senhora. Em 1946, na Peregrinação Nacional de 13 de Maio, falou aos peregrinos reunidos na Cova da Iria, enviando-nos, por essa mesma ocasião, como seu Legado «a latere», o Em.º Cardeal Masella, que coroou, em Fátima, a veneranda imagem de Nossa Senhora.

Por ocasião do Congresso Nacional dos Homens Católicos, nova e carinhosa radiomensagem, na nossa língua. Ainda outra em 2 de Junho de 1951, por ocasião da inauguração da igreja de Santo Eugénio, em Lisboa.

Em 13 de Outubro do mesmo ano, Em.º Cardeal Tedeschini preside, em nome de Sua Santidade, ao encerramento do Ano Santo, em Fátima e o Santo Padre fala novamente, em português, mas num discurso memorável que no mundo inteiro teve numerosos ouvintes.

Outro discurso, também em português e também para Portugal e para o Mundo, no dia máximo das comemorações em honra de S. Francisco Xavier, celebradas em Goa e presididas pelo Em.º Cardeal Cerejeira, Legado do Vigário de Jesus Cristo.

O Senhor nos conserve ainda por largos anos, o glorioso Pontífice reinante!

(Do Anuário Católico de 1953)

Espairecimento

MORAL DESENFASTIADA

Tratar bem os animais é atributo de pessoas bem formadas: mas, tudo dentro dos fins, que são o bem dos homens.

— Ó rapaz, que vida é esta, no vosso hotel? Olha que em toda a noite não preguei olho por causa das pulgas!...

— Sinto muito; mas desde que a patroa entrou para a Soc. Protectora dos Animais, deu ordem para se não matarem.

÷

Quanta gente parece ter aprendido bem a Arte de furtar! Quantas consciências elásticas!

O freguês para a leiteira:

— Ó mulher, você não vê que isto é água pura?

— Que espiga! O patrão, com as pressas, esqueceu-se de deitar a parte de leite!...

÷

Os pais deviam ser os primeiros interessados em que os filhos fossem sinceros e verdadeiros... e quantas vezes, ensinam os filhos a mentir!

O professor na Escola Técnica:

— Você traz estes problemas errados, como já é hábito: tenha a certeza que o digo a seu pai.

— Ó sr. Professor, poupe-lhe esse desgosto, porque foi ele quem mos fez.

÷

Quantos, espiritualmente mortos andam por essas ruas! Verdadeiros cadáveres ambulantes: sem a graça de Deus, sem ideal, sem esperança. A eles se pode aplicar o caso:

Noite caída, vem um enterro a passar junto de um posto da guarda. A sentinela grita:

— Quem vive?

— Um morto — respondem.

÷

Final. — Um inglês célebre dizia a um homem de Estado francês:

— O que faz a nossa força, dos ingleses, é que entre nós a gente de bem é tanto ou mais corajosa que os malandretes.

HISTÓRIA DO MÊS

Era um bom educador o sr. Ambrósio; e dos três filhos que tinha, vangloriava-se ele que o respeitavam e cumpriam sem desmando, as suas ordens.

Contudo o olhar prescrutador e psicólogo do pai notava, para além da obediência externa, diferença espantosa de um para outro.

João, o mais moço, amava ternìssimamente o pai, e só por isso, tudo que o pai quizesse, achava bem.

— João, era preciso que fizesses isto... gostava que fizesses aquilo.

— Sim, Senhor, meu pai! Está muito bem!

Manuel, o do meio, não se diga que não amava o pai... mas se amava, também muito o temia, sinal que não era tão espontâneo e nobre o seu proceder.

— Se o pai manda... eu faço!

António, o mais velho, obedecia só por medo, mas era calculista e no íntimo, um ingrato. Enquanto dizia ao pai que sim, ia resmungando, com os seus botões: Se não fosse o pai castigar-me, bem sei o que fazia. Quando um dia me vir livre!...

Poderia o sr. Ambrósio que conhecia isto perfeitamente, ter iguais sentimentos para com os três filhos?

Pondo a Deus no lugar deste pai, — o filho mais novo representa o santo; o do meio, o cristão imperfeito; e o mais velho significa o tíbio e ìntimamente já pecador.

Por amor seja, que cumpramos a Lei de Deus!

Catecismo

LIÇÃO 40.ª

A SATISFAÇÃO OU REPARAÇÃO

Haveis notado uma frase na história do Filho Pródigo? Após ter reflectido e detestado o seu pecado, foi confessar a seu pai, sabendo que obteria o seu perdão e entretanto ele disse isto: «Meu pai, tratai-me como um dos vossos servos».

Ser tratado como um servo, era, a seus olhos, uma reparação do mal que havia feito.

O pecador, que é sempre um filho pródigo, deve também reparar a injúria que os seus pecados fizeram a Deus e algumas vezes o mal que causaram ao próximo.

Como? Primeiro pela penitência imposta pelo confessor, ordinàriamente uma prece. É o que se chama a penitência sacramental. Recitai-a o mais cedo possível, com o arrependimento sincero dos vossos pecados e com a resolução de não mais os cometer.

Mas além desta oração, fazei sacrifícios pelo perdão dos vossos pecados se não procureis longe esses sacrifícios; é tudo o que custa: a obediência, o trabalho, os cuidados, os sofrimen-

(Continua na página seguinte)

CATECISMO

(Continuado da página anterior)

tos, os insucessos, a prática da caridade paterna com tal ou tal pessoa.

Podeis, cada manhã, na vossa oração, dizer isto: «Ofereço-vos, ó meu Deus, em desconto dos meus pecados, todo o trabalho do meu dia, todos os meus esforços, todas as minhas penas».

Apoiai-vos também em Jesus; a Santíssima Virgem, os Santos para oferecer a Deus uma boa satisfação.

LIÇÃO

I — A SATISFAÇÃO

1 — Que é satisfazer pelos pecados?

É reparar a ofensa que se fez a Deus, ou o mal que se fez ao próximo.

2 — Como reparar a ofensa feita a Deus?

a) *Cumprindo a penitência imposta pelo confessor;* b) *Fazendo penitências voluntárias, e* c) *Ganhando indulgências.*

3 — Deve-se reparar o mal feito no próximo?

Sim, quer o mal causado na sua pessoa, quer na sua honra ou nos bens. — E não será perdoado quem não quiser reparar.

II — INDULGÊNCIAS

1 — O que é ganhar uma indulgência?

É obter de Deus que a pena a sofrer pelos nossos pecados perdoados seja diminuída ou completamente suprimida.

Nota — Para diminuir ou suprimir completamente a pena, que nos resta sofrer pelos nossos pecados perdoados, a Igreja faz-nos aproveitar dos méritos infinitos de Jesus Cristo e dos méritos de Nossa Senhora e dos Santos.

2 — Que espécies há de indulgências?

Há duas espécies: a) *indulgência plenária* que suprime toda a pena devida dos pecados; b) *indulgência parcial* que só suprime uma parte.

3 — Que é preciso para ganhar indulgências?

1.º — Ter intenção.

2.º — Estar na graça de Deus.

3.º — Cumprir exactamente as condições indicadas pela Igreja.

Nota — Podem aplicar-se as indulgências pelas almas do Purgatório.

O BANDIDO

(Continuação)

VI

PREPARATIVOS E PARTIDA

Naturalmente, os preparativos para uma viagem de um mês através das grandes florestas do Congo são um pouco mais complicados do que para um passeio pelas nossas montanhas. Aqui há sempre uma aldeia, uma estalagem, ou, pelo menos, uma cabana de pastores, onde se encontra alguém que nos sirva. Mas, lá... lá está-se completamente entregue a si mesmo. Por isso os preparativos, sob a direcção do Sr. Nelson, e com a cooperação activa do menino John, demoraram uma boa semana.

Um carro estreito e comprido, puxado por quatro juntas de bois, levava os víveres, as munições e uma tenda com três leitos de campanha. Além dos Nelson, pai e filho, devia tomar parte na excursão um jovem português, que o Sr. Nelson levara de Portugal, na qualidade de criado. Chamava-se António. Era um belo rapaz, pequeno, moreno, magro, ágil, fiel e corajoso. Sabia de todos os ofícios: cozinheiro, sapateiro, carpinteiro, marceneiro, ferreiro. Era de um grande auxílio para os viajantes.

Deve ser curioso saber que armas levavam os nossos amigos.

Os dois Nelson tinham cada um uma espingarda de dois canos, uma *Nitro-Paradox*, da casa Holland-and-Holand de Londres: a do pai era de calibre doze, a do filho dezasseis. Armas admiráveis, de uma resistência quase infinita, que podem ser carregadas com balas ou com cartuchos, e com as quais se pode abater uma galinhola ou um leão. António tinha uma *Winchester* de cinco tiros. Todos três levavam à cinta uma boa pistola e uma faca de mato.

Além disso, no carro, havia duas carabinas automáticas e uma grande espingarda de dois canos, também da casa Holland-and-Holland, que levava uma carga formidável, própria para os elefantes ou rinocerontes.

Não se devia esquecer a farmácia de viagem, fornecida de tudo o necessário, sem faltar o célebre soro *Calmotte*, que permite combater, com bom êxito, as mordeduras de qualquer serpente, ainda a mais venenosa.

Quando vos disser que os três brancos iam a cavalo, e que quatro negros guiavam o carro, ter-vos-ei dito tudo o que convém saber sobre a organização da viagem.

Na última noite antes da partida, os membros da expedição reuniram-se numa alegre ceia de adeus, numa das salas da casa Nelson: estavam também, como convidados, os amigos da família. Todos estavam alegres e contentes, excepto a senhora Nelson, que se mostrava um pouco apreensiva por ver partir o filho; ela, porém, sabia que uma educação não é completa, se não ensina a afrontar com calma os perigos, e por isso, como americana que era, lá se foi resignando.

(Continua)

Um dia de Sua Santidade, Pio XII

(Continuado da 8.ª pág.)

notas para uma eventual encíclica, e responde a um número incrível de cartas.

Antes de tomar ligeira refeição, o Papa reza o Terço na sua capela privada com os secretários e com os camareiros secretos que fazem parte da sua casa. Toma alguns momentos de recreio, e fala com seus colaboradores e, às 10 horas, volta para a biblioteca. Aconteceu-me, muitas vezes, passando na Praça de São Pedro à uma hora da manhã, ver ainda luz nas janelas da biblioteca.

Ninguém sabe o que faz o Papa a essas horas tardias. Segundo alguns Prelados que com ele contactam de perto, Pio XII passa alguns momentos a notar no seu diário os acontecimentos do dia, depois trabalha numa obra de teologia que começou já há anos. O manuscrito é fechado numa gaveta da sua secretária e nunca fala desse trabalho, nem aos membro da sua família.

Pio XII não admite nenhuma variante neste horário diário, salvo para as cerimónias religiosas solenes; estas são, com efeito, uma parte importante da sua missão.

A pontualidade é para o Papa um dever, como para toda a gente. Os visitantes que obtiveram audiência ficam muitas vezes admirados de serem introduzidos no minuto exacto que estava previsto. Quanto às audiências públicas, chega exactamente à hora, marca um tempo razoável, após o seu discurso, para circular entre a multidão, e entra na biblioteca antes do meio dia.

CAMILLE M. CIANFARRA

Traduzido do francês

Ecclesia — Janeiro de 1950

Amigos da «Vida Paroquial»

Senhores: Adelino Napoleão — a quem desejamos muitas felicidades na cidade da Beira, e a sua Ex.ma Esposa — 200$00; António Simões de Sousa, 30$00; David Soares, 20$00; Vasco Passos da Silva — a quem abraçamos em Nampula —, Elvira Passos da Silva, D. Aurélia de Oliveira, António Campos, José de Oliveira, José Pedro dos Santos, 10$00; D. Zamira de Sousa, 6$00; Adelino de Oliveira Canário — a quem auguramos felicidades na África —, 20$00; Francisco António Rei, José Medeiros, João Dias Lima, Alberto da Silva Roque, 5$00; Manuel Simões Rijo, 3$00; recebemos por intermédio do colector da Ribeira de S. Pedro: Deolinda Ferreira Dias, 10$00; Francisco da Silva Nunes, Maria Augusta Leitão, Maria da Conceição Santos, José Francisco Simões Júnior, 5$00; também por intermédio da colectora do Carapinhal: Armando Marques Costa, 5$00; António Nunes de Oliveira, Eduardo Costa, Armindo dos Santos, Daniel dos Santos Silva, Belmira Dias Costa, Manuel Gama, João dos Santos, António Luís Nunes, Evangelista da Silva, Maria Martins dos Santos, Manuel Carvalho, Manuel da Conceição Silva, António dos Santos Mendes e João Rosa.

A todos obrigado e em especial aos calectores.

Tristezas para quê?!

Tristezas não pagem dívidas...

Sabeis qual a maior mentira de 1953?!

Vêde-a como saiu do «Clube dos Mentirosos» nesse ano: «Vi uma janela de ferro que se arrastava velozmente, impulssionada por uma rajada de vento, e um raio fez cinco tentativas para a alcançar e não o conseguiu».

— Doutor, veja que língua tão suja tem o meu Luís; será febre?

— Desculpe, minha senhora, mas deve ter-se enganado no letreiro da porta. Sou professor de línguas, sim, mas orientais.

O patrão para a nova criada:

— Olhe, digo-lhe já que cá em casa há muito que fazer; sou eu, minha mulher e três meninos...

— Oh! Não faça caso. Onde estava antes tinha de tratar de oito vacas!

Um europeu perguntou a um chinês se na China os funcionários do Estado, depois de uns tantos anos de serviço também têm reforma.

Respondeu-lhe o chinês:

— Um funcionário da minha pátria que não consegue enriquecer durante os anos de serviço é um tolo de tal marca que nem merece ser mantido à custa do Estado!

Um rapaz parou diante duma oficina de um ferreiro que martelava num pedaço de ferro em brasa.

— Se o senhor me der um escudo pego-lhe com as mãos — disse o rapaz.

O ferreiro, admirado, deu-lhe um escudo.

O rapaz, todo satisfeito, pegou nele e saiu.

— Olá, então a aposta?!

— Eu creio que lhe peguei com as mãos!! Olhe aqui!

E girando a moeda nas mãos, desapareceu!

Festas em Maio e Junho

MAIO

Dia 6 — Santa Quitéria do Carapinhal.

Dia 10 — Senhora de Fátima na Bairrada.

Dia 20 — S.ª Madre de Deus e Festa de N.ª Senhora de Fátima na Vila.

Comunhão Geral das crianças da 1.ª e 2.ª Comunhão às 8 h.

Missa às 9 h. — Comunhão Solene das crianças.

Missa às 12 h. — Solene Procissão às 16 h. — Profissão de Fé.

— Após a Missa Solene expõe-se solenemente o S. Sacramento.

— A Procissão é com o S. Sacramento. — Todos devem ajoelhar à sua passagem e ornamentar suas casas.

— À noite haverá Procissão de Velas.

JUNHO

Dia 10 — Senhor Jesus da Sobreira.

Dia 24 — S. João — Padroeiro da freguesia — Missa Solene às 11 h. e Sermão. — Procissão às 16 h. — Fogo Preso — Outros divertimentos.

Um dia de Sua Santidade, Pio XII

Pio XII levanta-se pouco mais ou menos às seis horas e meia. É muito moderno e faz a barba com o auxílio duma máquina eléctrica que tinha comprado no decurso da sua viagem à América. O criado de quarto não entra nos aposentos privados, no terceiro andar do palácio, antes que a toillete do Sumo Pontífice termine. O quarto de dormir recebe luz de duas janelas que deitam para a Praça de S. Pedro; o mobiliário é duma grande simplicidade: uma cama de cobre, com uma colcha adamascada, uma carpete bastante pequena, um lavatório ordinário com um pequeno espelho, o único que se encontra em todo o aposento, e uma secretária de acaju. Um quadro da Virgem enfeita uma das paredes.

A sala de jantar é igualmente sem pretensões, com dois aparadores e sua mesa em nogueira pouco trabalhada. Uma pequena sala de estudo, uma casa de banho moderna, construída durante o pontificado de Pio XI e um vestíbulo completam o aposento.

Às sete horas e meia, Pio XII celebra a missa na sua capela particular, ao lado de seu quarto de dormir. Depois, antes de se retirar da sua biblioteca, toma um moderado almoço de pão e café com leite o que o ocupa durante cerca de um quarto de hora.

A biblioteca é um magnífico compartimento, que ocupa um canto do edifício.

É lá, que têm lugar as audiências particulares; é lá que os cardeais, os soberanos, os príncipes, os bispos, os leigos, vêm apresentar suas homenagens ao Chefe da Igreja. O Santo Padre trabalha numa grande secretária de nogueira enfeitada com uma estátua branca de Cristo e um crucifixo. Altas estantes ocupam três paredes; suas portas envidraçadas são munidas de cortinados verdes. Há cortinados brancos nas janelas, salvo uma delas, aquela que se encontra atrás do escritório do Santo Padre. Esta última é ornada com um vitral representando a Virgem sentada sobre um trono, com o Menino Jesus sobre o seu seio.

As audiências terminam invariàvelmente à uma hora. Uma meia hora mais tarde, o Papa almoça na sala de jantar de seus aposentos particulares. A mesa é servida por seu criado de quarto enquanto freiras alemãs se ocupam da cozinha; estas últimas estão ao seu serviço desde o tempo em que ele esteve núncio em Berlim. A ementa é muito simples; é a tradicional cozinha italiana. O Papa bebe ordinàriamente vinho. Não fuma. Um velho costume exige que o Papa coma só. Seus únicos companheiros são dois canários, dos quais se abre a gaiola logo que Ele chega ao quarto. Os pássaros voam em liberdade, no compartimento, durante a refeição. Estão adestrados a responder ao chamamento do seu nome; Vêm, muitas vezes, colocar-se sobre o ombro ou sobre a mesa onde o seu alimento está preparado em dois poquenos pires. Em raras ocasiões, hóspedes oficiais são convidados a almoçar; então ainda, o Papa come sòzinho, numa mesa separada, mais elevada, e é servido em primeiro lugar.

Após o almoço, o Papa toma um breve repouso, depois, às 4 horas, dá o seu passeio cotidiano. É levado sempre aos jardins do Vaticano onde abandona o carro. Passeia durante uma hora, com um passo rápido e elástico. É seguido a distância pelo camerlengo e pelo guarda nobre encarregado de velar sobre sua pessoa.

Na sua volta ao palácio, Pio XII passa alguns instantes em oração, depois mete mãos ao trabalho. Contràriamente ao seu predecessor que recebia em audiência igualmente após o meio-dia, o Papa actual passa o resto do dia a trabalhar sòzinho. É neste momento que prepara os discursos que deverá fazer no dia seguinte, toma

(Continua na 7.ª página)

O Santo Padre escrevendo à máquina